

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO COM JOVENS DO CAMPO ESTUDANTES DO IF BAIANO

Laisla Ranielle de Carvalho Cotrim¹

E-mail: ranycotrim@gmail.com

Elaine Silva Azevedo²

Jesiquely Pantaleão Carvalho³

Tatyanne Gomes Marques⁴

Priscila Teixeira da Silva⁵

Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XII*

RESUMO

O estudo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a experiência de pesquisa e estágio em espaços não formais, identificando a existência desses espaços dentro de uma instituição formal de ensino. A abordagem inicial trata da educação não formal, estágio em espaço não-formal e o papel do/a pedagogo/a como educador/a social. Em seguida, relata a vivência do estágio como pesquisa e discute a temática trabalhada no projeto de intervenção: saúde mental baseada nas experiências, diálogos e reflexões com jovens estudantes do campo do Instituto Federal Baiano, Campus Guanambi. Para este propósito, salienta a importância do/a educador/a nos espaços onde desenvolve a prática educativa, tendo em vista a necessidade de diálogos na instituição. As reflexões e aprendizagens proporcionadas pelo estágio contribuíram significativamente na formação como pedagogas mediando práticas educativas em espaços diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio como pesquisa. Experiência. Jovens do campo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação é uma ação/condição humana que vem alcançando diversas modalidades e espaços, se dá sempre em contextos diversos, sejam eles escolares e não escolares que vão revelando sua especificidade em favor dos sujeitos e saberes. Como Brandão (1982) salienta, a educação é um processo de transformação e desenvolvimento integral do indivíduo ao longo da vida que não se limita apenas à sala de aula e à instituição escolar, pode existir em diferentes espaços e situações.

Este resumo expandido tem como finalidade relatar acerca da experiência de pesquisa e estágio em espaços não-formais, como forma de aprendizagem do campo de atuação de

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*.

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*.

⁴ Orientadora, docente da UNEB *Campus XII*.

⁵ Orientadora, professora do Componente Estágio em Espaços Não Formais da UNEB *Campus XII*

pedagogos/as educadores/as sociais. O espaço escolhido para realização do estágio como pesquisa foram as áreas de convivência (quadra poliesportiva, gramado e corredores das salas de aula) do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia Baiano, *Campus Guanambi* (IF Baiano) localizado no distrito de Ceraíma em Guanambi – BA. Assim, os sujeitos da pesquisa foram estudantes do ensino médio, matriculados no IF Baiano, provindos do campo. Embora o IF Baiano seja uma instituição formal, para a pesquisa e estágio em questão, compreendeu-se que, por dentro da instituição, há espaços cuja educação se dá de modo não formal e cujos temas emergentes das relações ali estabelecidas são relevantes para a juventude atendida pela instituição, destacadamente, a juventude camponesa.

Assim sendo, a experiência do estágio como pesquisa, requisito da disciplina Pesquisa e Estágio I: Espaços não-escolares do curso de Pedagogia, ofertada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação *Campus XII*, teve por objetivo discutir as vivências e experiências do estágio como pesquisa em espaços e ações de educação não formal dentro de uma instituição escolar, destacando a importância da atuação do/a educador/a social nesse espaço.

O estudo pretende dialogar sobre a experiência de estágio como pesquisa, uma vez que configura o primeiro contato das estudantes de licenciatura com um dos futuros campos de atuação profissional, principalmente, como coordenadoras e técnicas de ensino (termos utilizados pelo IF para pedagogas/os). Além disso, traz algumas considerações acerca da educação não-formal, estágio em espaços não-escolares e a atuação do/a educador/a social nestes âmbitos.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E ESTÁGIO COMO PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Compreendemos a educação formal como todo sistema educacional hierarquicamente estruturado, periódico e ordenado cronologicamente, que vai desde o ensino fundamental até o ensino superior. Nessa educação, o currículo está voltado à aprendizagem especificamente em sala de aula, ensino ministrado por profissionais capacitados, um sistema de ensino planejado e estruturado por classificação e regras para a norma padrão e culta (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973).

Qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a sujeitos previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem pode definir a educação não formal (SMITH, 1996). No estágio e pesquisa que realizamos, partimos do pressuposto de que as “educações” (BRANDÃO, 1995) não se separam porque estão em constante diálogo. Por dentro da educação formal há aspectos da educação não-formal que precisam ser garantidos, a saber: temas da educação antirracista; da educação para as relações e identidades de gênero; educação para as relações humanas, enfim, temas que transversalizam o currículo formal e que precisam ser garantidos, muitas vezes, por meio de projetos temáticos rodas de conversa, oficinas. Quem pode ajudar a pensar, propor e planejar tais projetos/temas? O/a pedagogo/a enquanto educador/a social. Por isso, durante a sua formação, pedagogos/as precisam conhecer essas possibilidades de atuação.

O estágio como pesquisa é uma etapa dos cursos de graduação que alia a teoria e a prática, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à atuação no exercício da profissão. De acordo com Pimenta e Lima (2008), o estágio oferta novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente, inclusive para os/as professores/as formadores/as, convidando-os a rever suas concepções sobre o ensinar e o aprender.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura (Resolução CNE/CP Nº 1, de 2006), estabelece-se, no art. 5, parágrafo IV e no art. 8, parágrafo IV, respectivamente, que o/a egresso/a em Pedagogia deve trabalhar em espaços escolares e não-escolares, no intuito de promover a aprendizagem dos sujeitos nos distintos ambientes, na participação da coordenação e no cumprimento da obrigatoriedade do estágio em outros espaços.

De acordo com Libâneo (2010), toda ação que discorra acerca das questões inerentes ao desenvolvimento humano, em diferentes espaços, configura-se enquanto campo do fazer pedagógico não escolar. Posto isso, a atuação do/a pedagogo/a é, de fato, um campo vasto com diversas possibilidades de atuação, desde instituições educacionais como também em espaços não formais, trabalhando como educadores/as sociais. Sendo assim, a formação para a dimensão de educação não-formal está para além da docência em sala de aula, podendo atuar como um/a mediador/a nas relações que estarão interligadas a sua formação.

O/a pedagogo/a enquanto educador/a social pode fazer a diferença tanto em espaços não escolares, quanto nos escolares, pois desenvolve um olhar mais humanizado para atender às

demandas socioeducativas, de modo a contribuir não somente para o saber científico, mas, para além disso, entendendo que a aprendizagem acontece ao longo da vida, independentemente dos espaços e contextos em que se encontram inseridos os sujeitos.

METODOLOGIA

O estágio como pesquisa na educação não formal foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa tendo como dispositivos de coleta de dados a observação participante, o diário de campo, oficinas temáticas e rodas de conversa com jovens do campo, estudantes no IF Baiano, *Campus* Guanambi.

A instituição Federal de Ciências e Tecnologia Baiano está localizada no distrito de Ceraíma, situado a 12 km da sede do município de Guanambi – BA. A instituição é mantida pelos órgãos federais e é uma referência em educação no sudoeste baiano. O *Campus* dispõe de uma estrutura ampla e, assim como ocorrem as práticas de educação formal, também dispõe de espaços não formais onde os sujeitos vivenciam experiências e relações, sendo esses espaços *locus* do estágio como pesquisa.

Desse modo, ao observar toda dinâmica da instituição e experiências vivenciadas pelos/as jovens, identificamos os espaços não formais da instituição como a quadra poliesportiva, a biblioteca, os corredores, o gramado, a academia e o centro de convivência onde eram comuns encontros entre os jovens quando tratavam de temas emergentes de suas experiências de juventude, onde ocorriam feiras, eventos. Identificamos que esses espaços eram ricos de experiências não-formais de educação.

Assim, propomos como plano do estágio oficinas e rodas de conversa com jovens provindos(as) de comunidades rurais, na faixa etária entre 18 e 20 anos que cursaram o ensino médio no período pandêmico e que ocupavam os espaços não formais na referida instituição escolar à época da pesquisa. O objetivo foi, por meio das metodologias propostas, compreender as especificidades desses sujeitos e a importância da atuação do/a pedagogo/a enquanto educador/a social.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO COMO PESQUISA: O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DENTRO DE UMA INSTITUIÇÃO FORMAL



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



NEPE
Núcleo de Estudos em
Pedagogia

16 a 19 de agosto

A educação ocorre em diferentes espaços/tempos, como afirma Brandão “[...] o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (1995, p.9). Sendo assim, é evidente que o ambiente escolar não se restringe apenas à escolarização, há práticas sociais desenvolvidas nas relações e experiências entre amigos, nas escolas etc. (GOHN, 2010).

Na perspectiva de Gohn (2010, p. 16), a educação não-formal é definida como um processo de aprendizagem que ocorre no contexto da vida cotidiana, por meio do compartilhamento de experiências em espaços e atividades coletivas.

A educação é um processo amplo e nele coexistem a educação formal - não formal - educação informal. No entanto, embora os campos sejam diferenciados, não anulam sua função educativa. As práticas educativas podem ocorrer em diversos espaços e também nas escolas que seja fora da regulamentação, tais como, atividades além do currículo escolar, teatro, dança dentre outras (MARQUES, 2012). Desse modo, a educação não formal pode contribuir no debate de questões sociais que o ambiente escolar nem sempre consegue dialogar.

Ao se tratar de uma instituição escolar, a proposta da pesquisa e estágio foi pensada com objetivo de discutir temas para além do currículo a partir da demanda dos jovens na instituição, isso porque a educação não formal ocorre pelo diálogo envolvendo temáticas das práticas sociais.

Na primeira etapa do estágio como pesquisa, percebemos toda rotina dos/as estudantes na instituição, já que os intervalos entre aulas são curtos e eles/as se dividem entre ir ao banheiro, à lanchonete e reprografia. Na troca de turnos e após o almoço, divertem-se e descansam nos corredores do pavilhão e gramado onde cantam, socializam, fazem uso do celular e descansam até o início das aulas. Outros/as se divertem na quadra poliesportiva, com jogos realizados entre salas, com amigos, apreciação de músicas, transmissão de avisos e participação em eventos. Durante a observação, também foram realizados ensaios para quadrilhas juninas nos intervalos após o almoço. Outros/as alunos/as utilizavam esse horário na biblioteca, onde muitos fazem uso de computadores para realização de trabalhos, uso de redes sociais, pesquisas e afins.

Um aspecto observado foi a inatividade de alguns espaços de socialização, a academia e o centro de convivência, ambientes pensados para o tempo livre dos/as estudantes. Observamos que esses espaços se encontravam fechados na instituição. Outra questão intrigante durante a observação foi o trânsito constante de jovens nos corredores da coordenação de ensino

durante o horário de aula, alunos/as chorando, trêmulos/as, alegando crises de ansiedade. Tais aspectos nos levaram a vários questionamentos que, mais tarde, passaram a ser definitivas para se pensarem oficinas temáticas com os/as jovens a fim de debater sobre a saúde mental, especificamente, a ansiedade.

Diante do tempo atípico, com a propagação mundial da COVID-19⁶, a população se viu emergida em novos desafios, alterações nos padrões de comportamento, a vulnerabilidade dos indivíduos para com o vírus, o isolamento social e tantas outras consequências que afetaram a saúde da população em todas as faixas etárias, principalmente, na adolescência. Visto que é compromisso social das instituições refletir sobre os dilemas da sociedade, ainda mais com as consequências do período pandêmico que têm afetado todas as esferas sociais, propusemos o projeto intitulado **Rodas de Conversas: Juventudes do campo e saúde mental**. O objetivo foi discutir sobre a saúde mental e propor atividades que minimizassem os impactos para os/as jovens do campo, público que já vínhamos pesquisando.

Iniciamos com roda de conversa, envolvendo jovens do campo com a participação de um psicólogo para mediar as discussões. A roda de conversa tratou de uma temática bastante pertinente, saúde mental, a fim de compreender os anseios e desafios das juventudes do campo inseridas na instituição. A discussão pautou-se nas trocas de experiências entre alunos/as e psicólogo. Após a apresentação de cada um/a, foi relatado o processo de adaptação à jornada integral de estudos, a forma como lidam com tal rotina e como utilizam o tempo livre na instituição. Ademais, interrogamos sobre quais espaços utilizam para passar o tempo livre e questões envolvendo a ansiedade. Ao final, realizamos uma dinâmica para tratar sobre as formas de lidar com a ansiedade, os anseios e conflitos das juventudes, em especial, as juventudes do campo.

Os encontros com os/as jovens ocorreram no gramado, na quadra poliesportiva e nos corredores dos pavilhões das salas de aula, tendo em vista que os demais espaços não formais da instituição se encontravam fechados à época da pesquisa. A interação com os/as estudantes durante os horários vagos abriu possibilidades para conhecer mais sobre a realidade, como também a escuta e o diálogo no desenvolver do projeto. Durante as discussões sobre as questões que envolvem a ansiedade, muitos/as estudantes trouxeram relatos da vida e o amparo da instituição em relação à situação de muitos/as que enfrentam o transtorno. O encontro estreitou

⁶ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo CORONAVÍRUS (SARS-CoV-2), caracterizada pela OMS como uma pandemia que já soma mais de 5 milhões de óbitos em todo o mundo.

laços de amizade entre os jovens e abriu espaços para se conhecerem melhor os projetos de futuro, conflitos, anseios e compreender melhor a realidade de cada um.

A observação e as falas dos estudantes evidenciam a ausência de espaços de lazer e socialização para os/as jovens, intensificando o estresse que leva aos problemas psíquicos. Tais ambientes, além de proporcionarem momentos de descontração, são importantes para o bem-estar dos/as jovens que dedicam maior parte do tempo dentro das salas de aula. Deste modo, os espaços não formais poderiam amenizar o estresse e a pressão devido à carga extensa de tarefas de muitas disciplinas.

Notamos, por meio das narrativas, a carência de debates e o quanto os/as estudantes necessitam de discussões, de espaços de socialização para externalizarem suas opiniões, anseios e angústias acerca das questões que os cercam na instituição. A atuação do/a educador/a social é indispensável nas instituições escolares para debater sobre a prática social nos espaços não formais oferecidos pela escola. O relato abaixo de um jovem evidencia tal questão.

não tem ninguém para falar sobre suicídio, sobre ansiedade, sobre transtorno alimentar porque tem professores que acaba fazendo comentários maldosos [...] aqui não tem esses assuntos sobre a comunidade LGBTQ+, então, falta muita coisa, faltam pessoas capacitadas para falar desses assuntos. [...]. A gente precisa ter esse conhecimento. (Jovem, roda de conversa, 28 de junho de 2022).

A carência de discussões acerca de temáticas que afligem a vida dos/as jovens é notável nas falas dos/as participantes da pesquisa, com isso, cabe destacar que a educação não formal pode auxiliar a instituição reverter esse quadro, utilizando os espaços de socialização (não formais) para tratar de temas emergentes das juventudes. De acordo com Gohn (2016), a educação não formal traz a perspectiva da complementação da educação formal articulando o ambiente escolar e todo corpo educativo que o rodeia.

Durante o encontro, procuramos compreender as demandas dos jovens e debater sobre a promoção da saúde mental. As narrativas evidenciam a demanda dos/as jovens com transtorno de ansiedade e a falta de discussões para suprir essa demanda. A Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou o Brasil como o país com maior índice de pessoas com ansiedade no mundo, sendo que os/as jovens e mulheres são mais atingidos/as. Durante as rodas de conversas, os/as estudantes se mostraram à vontade para falar das experiências com o transtorno. Um relato marcante foi de um jovem apontando como lida com a situação em momentos de crise.

Eu tive crises de ansiedade hoje no almoço e saí correndo para o quarto. Eu fico meio distante da realidade, antissocial, meio perdido. Eu mesmo fui na rua hoje à tarde resolver umas coisas em Guanambi e me perdi, fiquei mais de meia hora rodando lá para poder vim pra cá. (Jovem, rodas de conversa. 28 de junho de 2022).

Diante das narrativas, os/as jovens denunciam a ausência de debates acerca de temas pertinentes ao cotidiano na instituição como saúde mental, transtorno alimentar, gênero, racismo e outros temas latentes. Tais discussões foram pertinentes durante os diálogos.

As aprendizagens foram significativas para nossa formação como futuras pedagogas ao atuar em espaços não formais, experienciar encontros com as juventudes, construir saberes coletivos, realizar o planejamento articulando teoria e prática de acordo a realidade do espaço e do público alvo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio como pesquisa em espaços não formais foi a primeira experiência em atuar em espaços educativos através de rodas de conversas, oficinas, dinâmicas, etc. Entretanto, com um novo olhar para a instituição, identificamos espaços não formais dentro do espaço escolar e discutimos as práticas sociais desenvolvidas nesses ambientes. As vivências ajudaram a construir a identidade social para além de pedagogas, sobretudo, como educadoras sociais, articuladoras de diálogos com jovens do campo de modo que compreendemos os anseios e conflitos que, direta e indiretamente, preparam o indivíduo para a vida com valores, princípios e um olhar sensível para as dificuldades desse grupo.

Nas rodas de conversa, percebemos a importância dos espaços não formais e de diálogos acerca das práticas sociais e realidades dos/as estudantes, questões para além do currículo escolar. Desse modo, é de suma importância a exploração dos espaços de educação não formais para trabalhar a questões do cotidiano que contribuem para formação dos sujeitos. Os jovens expressam a carência de discussão e tensões do dia a dia, o que denota que os espaços não formais podem contribuir com a promoção da saúde mental, oferecendo momentos de descontração e lazer.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de junho de 2016.

COOMBS, Philip Hall; PROSSER, Roy; MANZOOR, Ahmed. **New paths to learning for rural children and youth**. New York: International Council for Education Development, 1973.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Educação não formal nas instituições Sociais. **Revista Pedagógica, Chapecó**, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Tatyane Gomes. Formação de pedagogos e o estágio em Espaços Não Formais: uma análise da pesquisa como possibilidade. *In: Anais XVI ENDIPE: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*, 2012.

Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo: OMS faz chamado de alerta a todos os países para intensificar os serviços de saúde e apoio em saúde mental. *In: PAHO - Pan American Health Organization*. OPAS/OMS. Washington - DC, 20 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>>. Acesso em: 18 set. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SMITH, M. K. **What is non-formal education?** 1996. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/841709/mod_resource/content/1/SMITH_What_is_non-formal_education%3F.pdf>. Acesso em: 03 jul.2022.